



Indicadores do agronegócio do RS: exportações e emprego formal no 3.º trimestre de 2025

O Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG) atualiza as estatísticas de exportações e de emprego formal celetista do agronegócio do Rio Grande do Sul e do Brasil. Os dados brutos¹ têm como fonte o Sistema Comex Stat e o Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged).

A produção das estatísticas é inspirada no conceito do agronegócio atribuído a Davis e Goldberg (1957), que, além da agropecuária, abrange a produção de insumos e de bens de capital, a indústria de transformação de matérias-primas agropecuárias e as atividades especializadas na oferta de serviços e na armazenagem, na distribuição e no comércio atacadista dos produtos do agronegócio. A seguir, são apresentados os principais resultados do Rio Grande do Sul referentes ao terceiro trimestre e ao acumulado de 2025 comparativamente a iguais períodos do ano anterior.

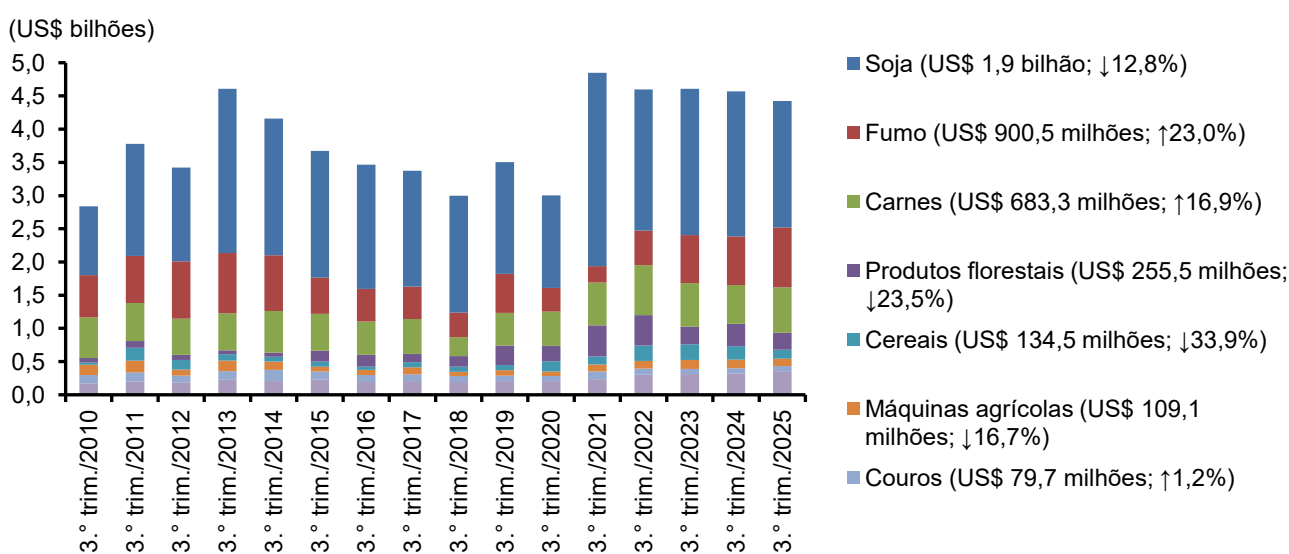
1 Exportações do agronegócio

1.1 Exportações no terceiro trimestre de 2025

As exportações do agronegócio gaúcho totalizaram US\$ 4,4 bilhões no terceiro trimestre de 2025, o que corresponde a 73,3% das exportações totais do Rio Grande do Sul. Comparativamente ao mesmo período do ano anterior, o valor apresentou queda de 3,2%. Em termos absolutos, a redução do valor exportado foi de US\$ 145,6 milhões.

Gráfico 1

Exportações totais e dos principais setores do agronegócio do Rio Grande do Sul — 3.º trim. 2010-25



Fonte dos dados brutos: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2025a).

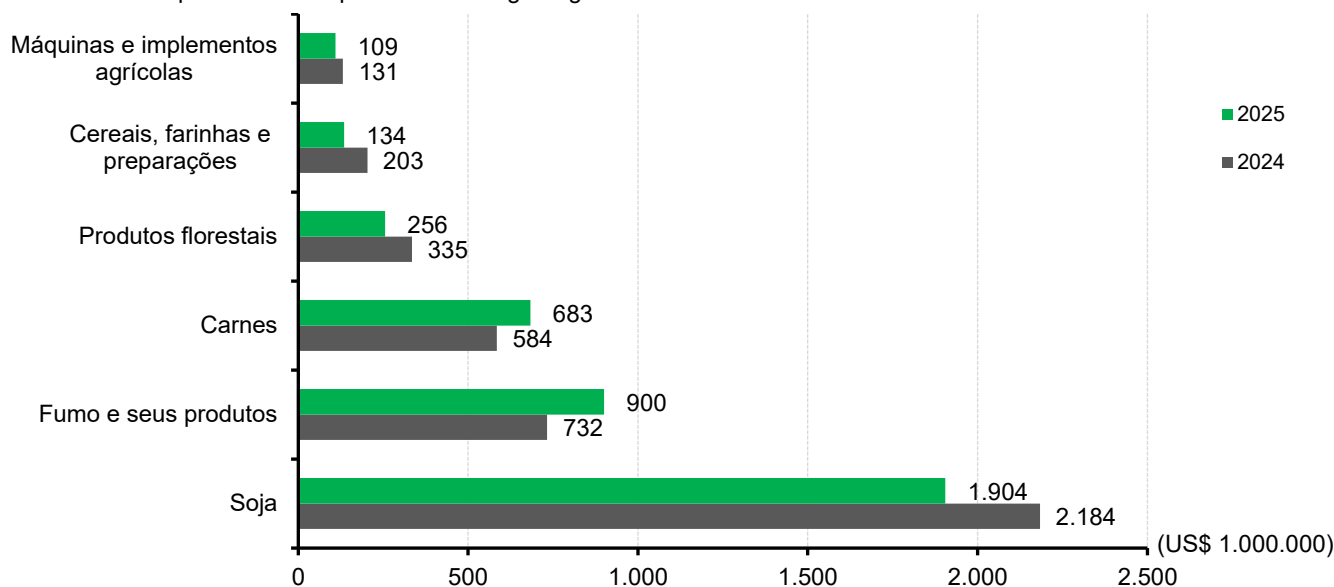
¹ Os dados estão sujeitos à atualização. No Comex Stat, a extração das estatísticas das exportações compreende os dados divulgados em 6/10/2025; no Novo Caged, a extração das estatísticas do emprego formal inclui os dados disponibilizados em 31/10/2025.



Os cinco principais setores exportadores do agronegócio, no terceiro trimestre de 2025, foram: complexo soja (US\$ 1,9 bilhão), fumo e seus produtos (US\$ 900,5 milhões), carnes (US\$ 683,3 milhões), produtos florestais (US\$ 255,5 milhões) e cereais, farinhas e preparações (US\$ 134,5 milhões). O complexo soja (menos US\$ 279,7 milhões; -12,8%), os produtos florestais (menos US\$ 78,8 milhões; -23,5%), os cereais (menos US\$ 69 milhões; -33,9%) registraram as maiores reduções absolutas no valor exportado no trimestre. Por outro lado, os valores exportados dos setores do fumo e seus produtos (mais US\$ 168,1 milhões; 23%) e das carnes (mais US\$ 99 milhões; 16,9%) exibiram as maiores elevações absolutas no trimestre.

Gráfico 2

Principais setores exportadores do agronegócio do Rio Grande do Sul — 3.º trim./2024 e 3.º trim./2025



Fonte dos dados brutos: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2025a).

No complexo soja, a redução de 25,2% na produção colhida em 2025, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2025a), foi determinante para o desempenho negativo do setor. A queda foi verificada em todos os produtos do complexo, mas foi mais intensa na soja em grão (menos US\$ 202,8 milhões; -11,7%) e no farelo de soja (menos US\$ 55,3 milhões; -15,3%). Apesar do aumento da demanda chinesa pela soja brasileira no contexto da guerra tarifária, o desempenho do Rio Grande do Sul foi limitado por uma menor disponibilidade do grão para exportação. Ainda assim, no terceiro trimestre, a participação da China nas vendas externas de soja em grão do estado atingiu 98,8%, o maior patamar da série histórica, iniciada em 1997.

A queda nos produtos florestais foi concentrada na celulose (menos US\$ 67,1 milhões; -26,1%) e foi verificada em todos os principais compradores do estado. Vale destacar que a celulose integra a lista de exceções à sobretaxa adicional de 40% estabelecida pelo governo dos Estados Unidos por meio da Ordem Executiva n.º 14.323, de 30 de julho de 2025. Assim, as exportações desse produto permanecem sujeitas apenas à tarifa global mínima de 10%, aplicada desde abril.

Nos cereais, o arroz é o produto que explica o desempenho negativo do setor. Embora o arroz com casca (*paddy*), não parboilizado, principal tipo exportado pelo estado, tenha registrado aumento da



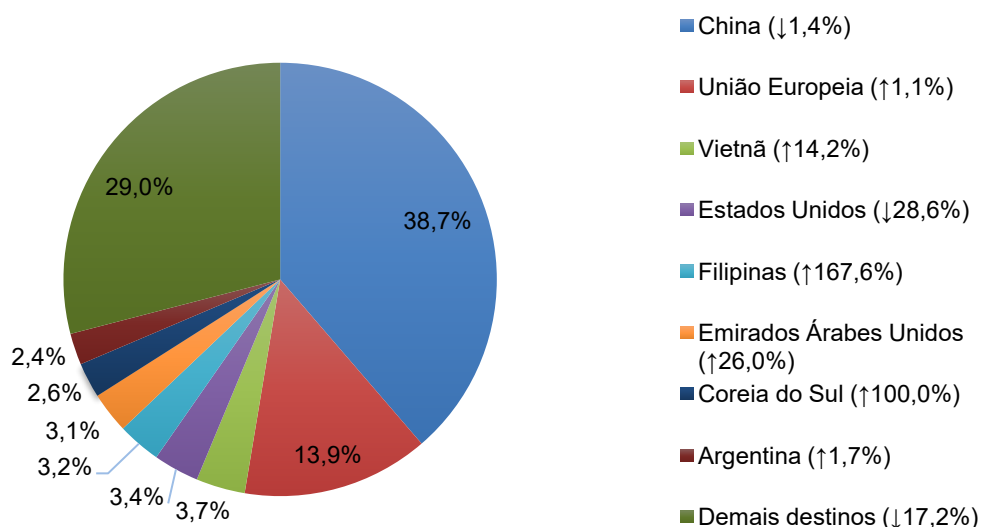
quantidade embarcada, a redução dos preços médios determinou a queda do valor exportado no trimestre. Comportamento semelhante foi observado nos demais tipos de arroz, que também apresentaram retração nos valores exportados em razão da queda dos preços médios de exportação. O mercado mundial de arroz, em 2025, está marcado por oferta e estoques elevados, com consequente queda nos preços internacionais. Esse cenário decorre, em grande parte, da expansão da produção global, impulsionada pela retomada das exportações indianas após o fim das restrições, o que gerou um excedente significativo no mercado internacional.

Contrariando o movimento geral, o setor de fumo e seus produtos apresentou o maior crescimento absoluto no valor das exportações do trimestre, concentrado no fumo não manufaturado (mais US\$ 158,5 milhões; 23,5%). Já o setor das carnes, que exibiu a segunda maior elevação absoluta no valor exportado, teve seu desempenho puxado pela carne bovina (mais US\$ 65,9 milhões; 94,5%) e pela carne suína (mais US\$ 50,3 milhões; 27,7%). O resultado positivo da carne bovina se deve às vendas para a China e, em menor grau, à retomada das compras pela Rússia. No contexto atual de guerra tarifária, vale destacar que as exportações de carne bovina para os EUA registraram o oitavo maior crescimento absoluto no trimestre (mais US\$ 2,8 milhões; 47%), permanecendo como o terceiro maior destino do estado dessa proteína. No caso da carne suína, o bom resultado se deve às vendas gaúchas para as Filipinas e, em menor intensidade, para a Argentina, o Vietnã e o México. As exportações de carne de frango seguem afetadas por restrições sanitárias, sobretudo pela suspensão das compras chinesas após a confirmação de um foco da doença de Newcastle em julho de 2024 e, mais recentemente, por um caso de gripe aviária em uma granja comercial, no Rio Grande do Sul, em maio deste ano.

Com relação aos principais destinos das exportações do agronegócio gaúcho no terceiro trimestre de 2025, destacaram-se os seguintes mercados: China (38,7%), União Europeia (13,9%), Vietnã (3,7%), Estados Unidos (3,4%), Filipinas (3,2%) e Emirados Árabes Unidos (3,1%). Esses destinos concentraram 66% do valor exportado no trimestre.

Gráfico 3

Principais destinos das exportações do agronegócio do Rio Grande do Sul — 3.º trim./2025



Fonte dos dados brutos: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2025a).
Nota: Os percentuais no gráfico correspondem à parcela do valor exportado no terceiro trimestre de 2025, em dólares. Entre parênteses, os percentuais correspondem à variação do valor no terceiro trimestre de 2025, comparativamente ao mesmo período de 2024.



Entre os destinos, o Irã foi responsável pela maior redução absoluta do valor das exportações gaúchas do agronegócio (menos US\$ 125,5 milhões; -79,5%). Na sequência, destacaram-se o Iraque (menos US\$ 78,2 milhões; -84,1%), Bangladesh (menos US\$ 65,9 milhões; -97,8%) e os Estados Unidos (menos US\$ 60,4 milhões; -28,6%). Para o Irã, a queda concentrou-se no complexo soja, e, em menor grau, o Iraque e Bangladesh seguiram padrão semelhante. Para os Estados Unidos, as maiores quedas absolutas ocorreram nos segmentos fumo e seus produtos, produtos florestais e máquinas e implementos agrícolas.

No conjunto, os dados do 3.º trimestre sugerem indícios iniciais de impactos do choque tarifário sobre a pauta gaúcha mais exposta ao mercado dos EUA e com menor capacidade de realocação. Porém, nos produtos florestais, que apresentaram a segunda maior queda no trimestre, inclusive nas vendas destinadas aos Estados Unidos, a dinâmica foi mista. Embora a isenção da sobretaxa de 40% sobre a celulose tenha evitado impactos diretos no mercado norte-americano, o produto também registrou queda nas vendas para outros destinos relevantes para o Rio Grande do Sul, sugerindo a atuação de fatores conjunturais além do canal tarifário.

Contrariando a tendência de queda no trimestre, as Filipinas (mais US\$ 89,7 milhões; 167,6%), a Suíça (mais US\$ 64,4 milhões; 2.885%) e a Coreia do Sul (mais US\$ 58,1 milhões; 100,2%) apresentaram as maiores elevações absolutas no valor exportado pelo estado. No caso das Filipinas, o crescimento concentrou-se nas carnes, com destaque para a carne suína, mas com aumentos significativos também na carne bovina e na de frango. O fumo não manufaturado se destacou nas exportações para a Suíça, que registrou um crescimento expressivo no trimestre, atingindo um recorde histórico e elevando o país à posição de segundo maior comprador do produto gaúcho no mercado internacional. Embora não seja possível estabelecer uma relação causal, ao mesmo tempo em que houve queda nas vendas aos Estados Unidos (menos US\$ 45,9 milhões), houve aumento nas vendas para a Suíça (mais US\$ 65,2 milhões), o que indica uma possível reorientação parcial de embarques, possivelmente associada ao atual contexto da guerra tarifária. No caso da Coreia do Sul, o incremento das exportações foi impulsionado principalmente pelo farelo de soja e pelo fumo não manufaturado.

As exportações do agronegócio gaúcho, no terceiro trimestre de 2025, apresentaram queda em setores-chave, como o complexo soja, os produtos florestais, os cereais e as máquinas e os equipamentos agrícolas. No entanto, houve destaques positivos, como o crescimento das exportações de fumo e seus produtos e de carnes, além do aumento expressivo das vendas do agronegócio para alguns países, como Filipinas, Suíça e Coreia do Sul.

1.2 Exportações no acumulado de 2025

As exportações do agronegócio gaúcho, no acumulado de janeiro a setembro de 2025, totalizaram US\$ 10,8 bilhões, o que corresponde a 70,3% das exportações totais do Rio Grande do Sul no período. Entre janeiro e setembro de 2025, o valor exportado caiu 2,1% comparativamente ao mesmo período do ano anterior. Em termos absolutos, a queda do valor exportado foi de US\$ 236,3 milhões.

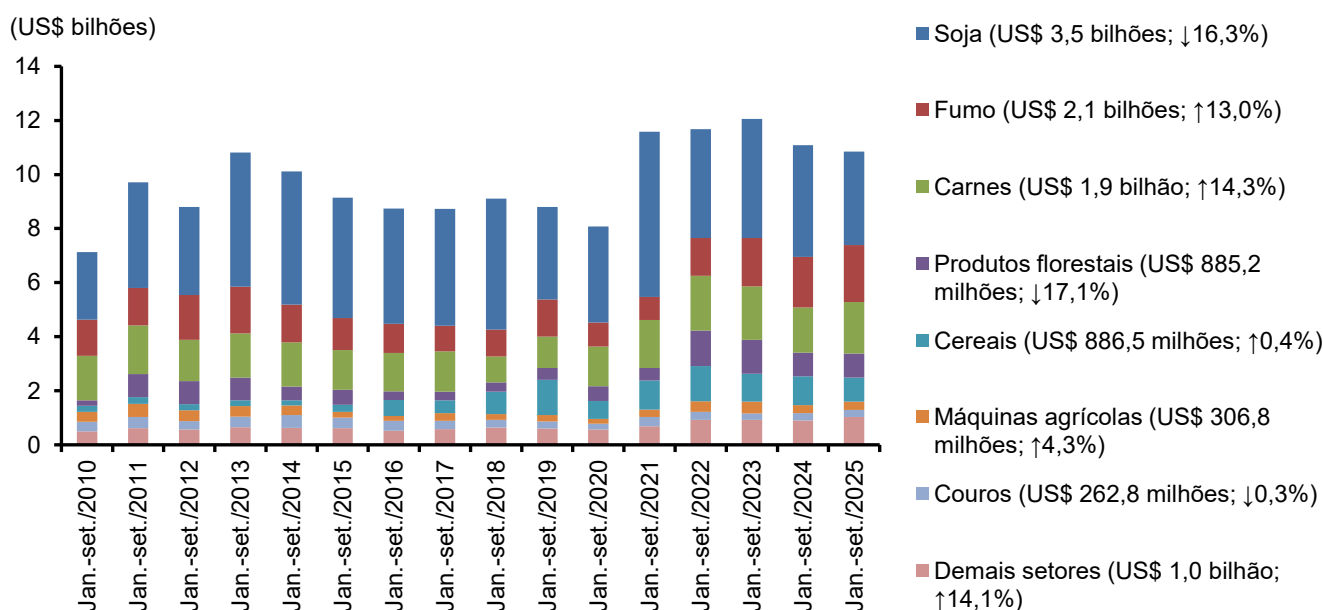
Os cinco principais setores exportadores do agronegócio gaúcho, no acumulado de 2025, foram: complexo soja (US\$ 3,5 bilhões), fumo e seus produtos (US\$ 2,1 bilhão), carnes (US\$ 1,9 bilhão), cereais, farinhas e preparações (US\$ 886,5 milhões) e produtos florestais (US\$ 885,2 milhões). Os setores que determinaram o desempenho negativo, no acumulado do ano, foram o complexo soja (menos US\$ 676,6 milhões; -16,3%) e os produtos florestais (menos US\$ 183,1 milhões; -17,1%). No sentido oposto, o fumo



e seus produtos (mais US\$ 241,5 milhões; 13%) e as carnes (mais US\$ 238,2 milhões; 14,3%) registraram as maiores elevações absolutas no valor das exportações.

Gráfico 4

Exportações totais e dos principais setores do agronegócio do Rio Grande do Sul — jan.-set. 2010-25



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2025a).

O complexo soja, que registrou a maior redução absoluta das vendas até setembro, apresentou quedas acentuadas da soja em grão (menos US\$ 515,9 milhões; -17,9%), do farelo de soja (menos US\$ 150,2 milhões; -14,4%) e, em menor grau, do óleo de soja (menos US\$ 10,5 milhões; -4,8%). Como referido anteriormente, a queda da produção da oleaginosa, neste ano, devido à estiagem foi determinante para o resultado negativo das exportações do setor. No caso dos produtos florestais, a retração se concentrou na celulose (menos US\$ 129,9 milhões; -16,5%) e ocorreu de maneira semelhante com os principais destinos compradores, refletindo parcialmente um padrão também observado no nível nacional.

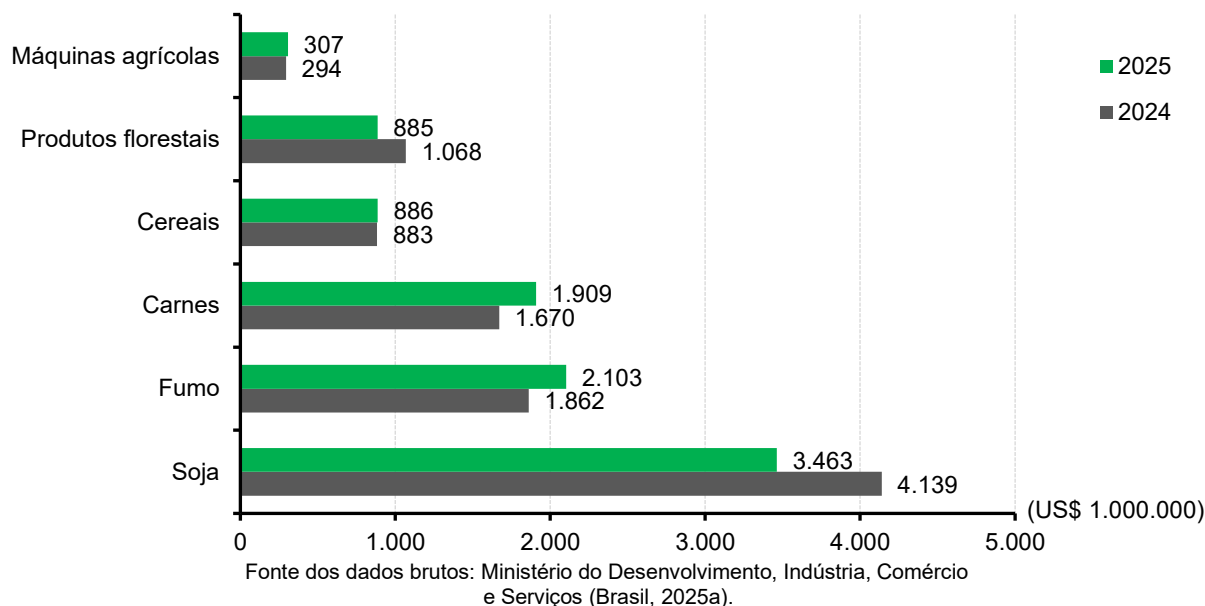
No sentido oposto ao movimento geral, o setor do fumo e seus produtos apresentou o maior crescimento absoluto no valor exportado. No acumulado do ano, o Rio Grande do Sul exportou 343,1 mil toneladas de fumo e seus produtos, quantidade próxima à colhida neste ano, no estado, que foi de 343,3 mil toneladas segundo o IBGE (2025a). Os dados sugerem que, além de ser o maior produtor e exportador nacional de fumo, o estado se consolidou, nos últimos anos, como um processador de matéria-prima de outros estados, principalmente do Paraná e de Santa Catarina. Neste ano, o RS foi responsável por 89,3% das exportações nacionais do setor, embora responda por aproximadamente 43,4% da produção brasileira de fumo.

Já no setor das carnes, que exibiu a segunda maior elevação absoluta no acumulado do ano, o movimento deveu-se ao crescimento das exportações da carne suína (mais US\$ 143 milhões; 32%) e da carne bovina (mais US\$ 116,3 milhões; 60,1%). As exportações da carne de frango apresentaram queda (menos US\$ 23,6 milhões; -2,5%). Vale destacar que essa tendência de retração nas vendas da carne de frango, no acumulado do ano, também é verificada para o Brasil, o que, em grande parte, reflete a suspensão das compras chinesas devido ao caso de gripe aviária detectado em uma granja comercial do Rio Grande do Sul.



Gráfico 5

Principais setores exportadores do agronegócio do Rio Grande do Sul — jan.-set./2024 e jan.-set./2025



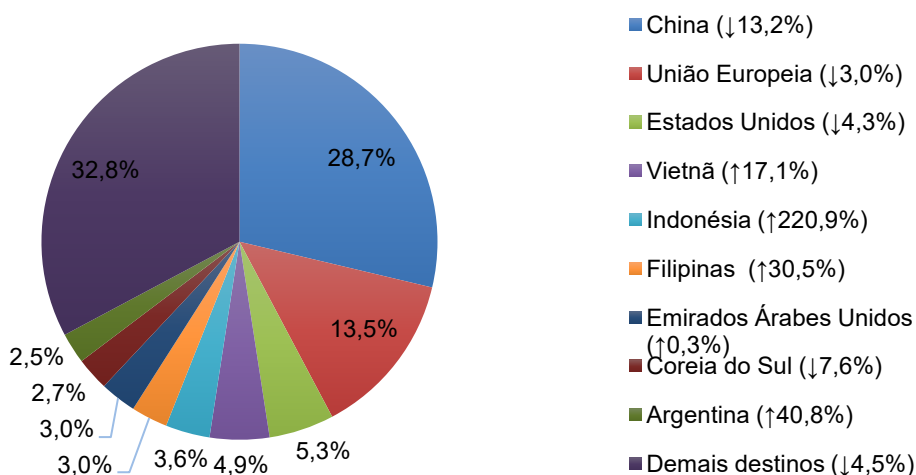
No que diz respeito aos principais destinos das exportações do agronegócio gaúcho durante o período de janeiro a setembro de 2025, destacaram-se os seguintes mercados: China (28,7%), União Europeia (13,5%), Estados Unidos (5,3%), Vietnã (4,9%), Indonésia (3,6%), Filipinas (3%) e Emirados Árabes Unidos (3%). Esses destinos combinados representaram 62% do valor exportado no acumulado de 2025. A China apresentou a maior redução absoluta (menos US\$ 474,9 milhões; -13,2%) entre os importadores do agronegócio do RS. Na sequência, Irã (menos US\$ 201,3 milhões; -61,7%) e Iraque (menos US\$ 82,3 milhões; -55,6%) ocuparam, respectivamente, a segunda e a terceira posição nas maiores quedas absolutas no valor exportado pelo RS. No sentido oposto, Indonésia (mais US\$ 270,1 milhões; 220,9%), Arábia Saudita (mais US\$ 84,7 milhões; 66,6%) e Argentina (mais US\$ 78,9 milhões; 40,8%) registraram os maiores crescimentos no valor exportado do acumulado do ano.

A queda das vendas para a China, o Irã e o Iraque está diretamente relacionada a alguns produtos específicos. No caso da China, os responsáveis foram o grão de soja (menos US\$ 303,7 milhões; -11,8%) e as carnes suína (menos US\$ 87,1 milhões; -62,1%) e de frango (menos US\$ 73,9 milhões; -99,9%). Quanto ao Irã, o farelo de soja (menos US\$ 166,1 milhões; -68,2%) desempenhou um papel preponderante para o resultado negativo, e, no que se refere ao Iraque, foi a soja em grão (menos US\$ 39,1 milhões; -69,7%). No sentido oposto, o crescimento das vendas para a Indonésia, que foi o mais expressivo entre os destinos, deve-se às exportações do farelo de soja e do fumo não manufaturado. Na sequência, a *performance* positiva das exportações para a Arábia Saudita relaciona-se ao milho e ao trigo, e, para a Argentina, à categoria máquinas e equipamentos agropecuários e suas partes.



Gráfico 6

Principais destinos das exportações do agronegócio do Rio Grande do Sul — jan.-set./2025



Fonte: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior (Brasil, 2025a).

Nota: Os percentuais no gráfico correspondem à parcela do valor exportado no acumulado de 2025 em dólares. Entre parênteses, os percentuais correspondem à variação do valor do acumulado de 2025 em relação a 2024.

1.3 Exposição das exportações do Rio Grande do Sul ao mercado norte-americano

Na **Nota Técnica DEE n. 116** (Leusin Jr., 2025), referente aos dados do 2.º trimestre, foi apresentada uma primeira avaliação dos possíveis efeitos das tarifas impostas pelos Estados Unidos nas exportações do agronegócio gaúcho. Como resultado dessa avaliação, a nota técnica projeta, para o médio e o longo prazos, aumento da incerteza, compressão de margens e impactos relevantes sobre decisões de produção e investimento. Dentre os setores apontados como mais sensíveis, destacam-se os produtos florestais, o fumo e seus produtos e a carne bovina e seus subprodutos, como os couros, as peles e o sebo bovino. A nota ressalta que os ajustes tenderão a ocorrer de forma mais rápida nos produtos de origem animal e mais gradual nos de origem vegetal em razão de suas características produtivas. Essa dinâmica, contudo, também é influenciada por outros fatores, como o grau de exposição de cada cadeia ao mercado norte-americano e a capacidade de ajuste das empresas — considerando-se que grandes grupos integrados internacionalmente apresentam maior flexibilidade, ao passo que empresas regionais são mais vulneráveis.

No campo teórico, há vertentes que entendem a tarifa como um custo que é repassado de forma previsível para o consumidor e o produtor, com base na sensibilidade da demanda às variações dos preços dos produtos. Esse entendimento pode explicar satisfatoriamente as relações comerciais internacionais entre bens finais de consumo em mercados não concentrados, que têm muitos fornecedores e consumidores. Nesse tipo de análise, a principal conclusão é mensurada em termos de perda de bem-estar, que vem do fato de que menos bens são comercializados devido ao incremento nos preços em razão das tarifas. Contudo, dada a inserção do agronegócio gaúcho no mercado internacional, de maneira geral, caracterizado como fornecedor de insumos de produção, essa compreensão linear não capta os efeitos multidimensionais que as tarifas exercem sobre as complexas redes de produção integradas.

O artigo *When tariffs disrupt global supply chains*, de Grossman, Helpman e Redding (2024), oferece uma lente pertinente para analisar a vulnerabilidade de um exportador de insumos, como o Rio Grande do Sul. Perante tarifas inesperadas impostas pelos Estados Unidos, a posição do estado como



fornecedor é profundamente afetada pela reação em cadeia dos importadores norte-americanos. Esses, por sua vez, são forçados a reestruturar suas cadeias de suprimentos e podem optar pela renegociação de preços com os fornecedores sul-rio-grandenses ou pela busca (custosa) de novos fornecedores em mercados alternativos. Para o Rio Grande do Sul, essa dinâmica gera incerteza e assimetria de informação, uma vez que é difícil prever quando e como os compradores irão se movimentar em busca de alternativas ao incremento de custos. O grande risco, portanto, não é apenas a perda pontual de negócios, mas a potencial alteração da geografia econômica, que pode marginalizar fornecedores tradicionais em favor de novas origens de insumos e redefinir de forma duradoura os fluxos de comércio e a posição do estado nas redes produtivas globais. Em síntese, as tarifas causam perdas de eficiência que vão além do simples repasse de preços, pois podem alterar relações de negociação estabelecidas e gerar custos tanto para o importador quanto para o exportador devido à busca e à realocação comercial.

Dessa forma, o objetivo desta seção é apresentar uma triagem inicial dos produtos e dos setores do Rio Grande do Sul mais expostos aos riscos da guerra tarifária dos EUA. Para alcançar esse objetivo, na Figura 1², foi combinada a relevância do RS na demanda internacional norte-americana por produto com o peso das importações dos EUA no comércio mundial desse produto. A proposta é indicar os fluxos que merecem análises aprofundadas e a construção de cenários de redirecionamento que poderiam gerar subsídios de análise para pensar as políticas de promoção comercial e estratégias empresariais de mitigação, observando os limites metodológicos explicitados na nota de rodapé 2.

Combinando três dimensões, a Figura 1 apresenta, para um conjunto de produtos, a exposição das exportações do Rio Grande do Sul ao mercado norte-americano e o peso (participação percentual) desse fluxo (RS→EUA) no comércio mundial, em 2024. No eixo horizontal (X), está o peso (%) das importações dos EUA nas exportações mundiais do produto, que indica quanto da demanda global por aquele produto é absorvida pelos Estados Unidos. No eixo vertical (Y), está a participação (%) das exportações do RS nas importações dos EUA do produto, que revela quanto do que os EUA importam daquele produto provém do estado. A área da bolha (tamanho) representa a participação (%) do fluxo RS→EUA no total exportado do produto pelo mundo, ou seja, a fração que as exportações gaúchas para os EUA representam das exportações mundiais. Dessa forma, bolhas maiores identificam fluxos em que as exportações do RS para os EUA correspondem a uma fatia mais relevante do comércio mundial do produto, o que pode ser interpretado tanto como uma maior exposição do estado às oscilações da demanda norte-americana quanto como uma maior dependência dos EUA da oferta gaúcha desse produto no mercado internacional. Vale destacar que esse parâmetro foi utilizado para a hierarquização (*ranking*) dos produtos analisados. As cores discriminam setores econômicos graficamente identificados — amarelo para o setor

² A Figura 1 serve como instrumento inicial de priorização para simulações e para a orientação de políticas de promoção comercial e mitigação de riscos. No entanto, é preciso explicitar que há limites e dificuldades que restringem o alcance das conclusões. Dessa forma, comparações ponto a ponto e mensurações de tendência podem ser enviesadas ou incoerentes. Também há carência de informações estruturadas sobre as tarifas: muitas medidas são específicas (quantitativas ou setorializadas), temporárias, condicionais ou sujeitas a isenções e exceções que não aparecem em bases consolidadas, o que dificulta transformar um aumento tarifário em uma estimativa precisa de potencial perda de demanda para cada produto. Ademais, as constantes mudanças na política tarifária dos EUA introduzem alto grau de incerteza prospectiva. Cenários hipotéticos baseados em um quadro regulatório observável podem ficar rapidamente desatualizados e não captar medidas futuras ou respostas comerciais dos agentes. Em razão disso, os resultados extraídos da Figura 1 e das primeiras simulações devem ser apresentados como indicativos e condicionais — úteis para priorizar produtos e orientar análises aprofundadas, mas não como estimativas causais ou prognósticos pontuais. Recomenda-se, para pesquisas futuras, trabalhar com valores médios anuais e uma agenda de melhoria de dados (harmonização de classificações, registro estruturado de medidas tarifárias e acompanhamento regulatório contínuo) antes de converter achados em recomendações de política definitivas.

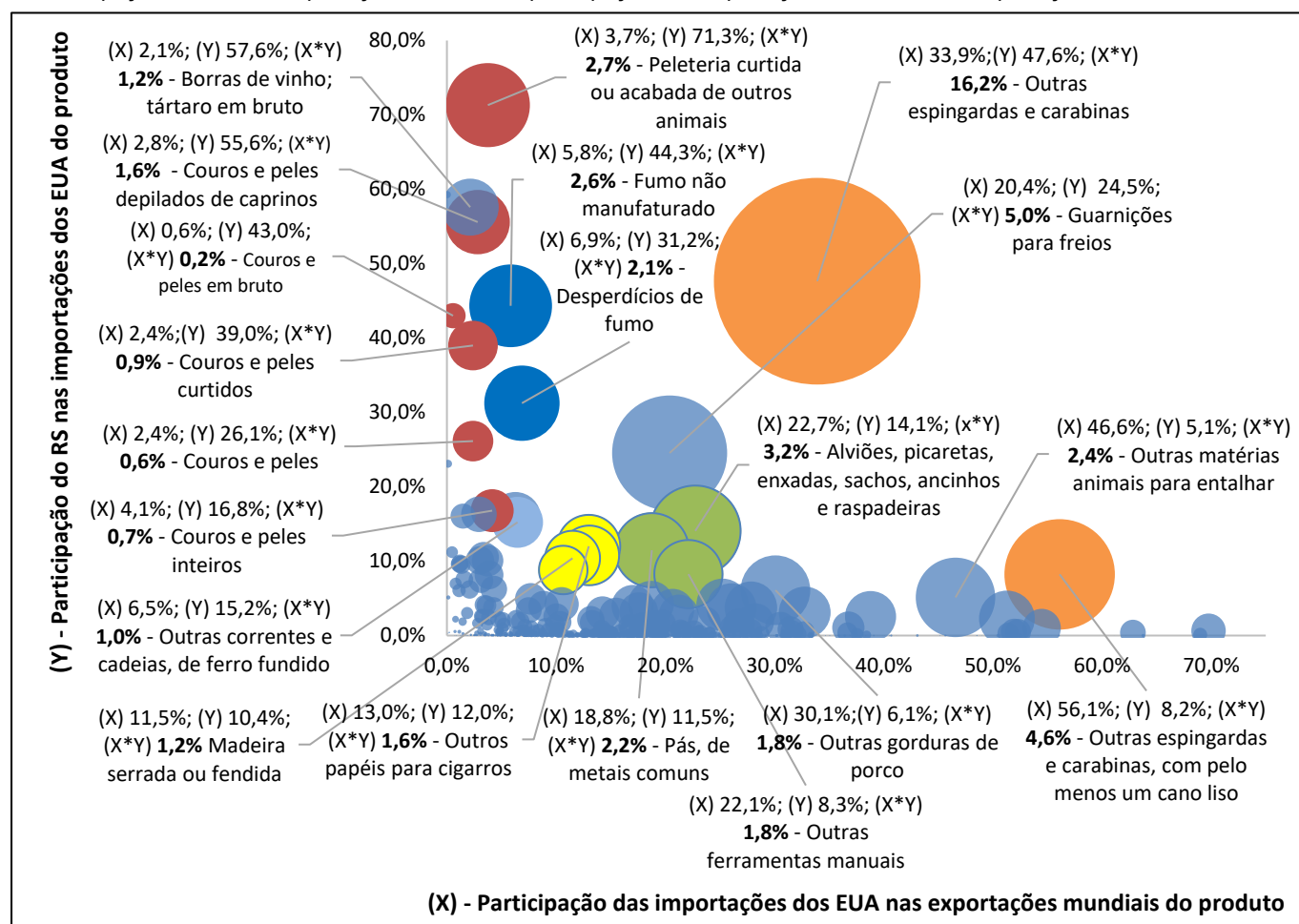


de produtos florestais, vermelho para o setor de couros e peles e azul escuro para o setor de fumo e seus produtos.

A leitura da Figura 1 em quadrantes, embora não explicitada visualmente, oferece uma forma de organizar a interpretação dos fluxos, destacando como cada produto se posiciona em termos de relevância e exposição no comércio com os EUA. O quadrante superior direito (alto X, alto Y) corresponde a produtos nos quais os EUA são um destino globalmente relevante, e o RS, um fornecedor importante para o mercado norte-americano, o que indica situações de maior vulnerabilidade tanto para o RS como para os EUA. O quadrante inferior direito (alto X, baixo Y) indica produtos em que choques na demanda americana têm impacto global, mas repercussão mais limitada sobre o RS. Já o quadrante superior esquerdo (baixo X, alto Y) se aplica a produtos em que o RS é um fornecedor expressivo para os EUA, embora o país não seja um destino dominante no comércio mundial. Por fim, o quadrante inferior esquerdo (baixo X, baixo Y) corresponde a produtos de baixa exposição tanto do lado do RS quanto do lado da demanda americana.

Figura 1

Participação do RS nas importações dos EUA e participação das importações dos EUA nas exportações mundiais — 2024



Fonte dos dados brutos: Comex Stat (2025).

Comtrade (2025).

Nota: O tamanho da bolha (X*Y) se refere à participação, no comércio mundial, das exportações do Rio Grande do Sul para os Estados Unidos.



Na análise da Figura 1, quanto mais próximo do quadrante superior direito, maior é a exposição crítica aos riscos da atual guerra tarifária. Os produtos mais próximos desse cenário são as outras espingardas e carabinas (SH6 - 930330), destacados em laranja. Essa leitura se dá tendo em vista que os EUA³ compram 47,6% da oferta mundial desses itens e que o RS foi o fornecedor responsável por 33,9% das importações norte-americanas desse segmento. Em outras palavras, as exportações gaúchas para os Estados Unidos, que responderam por 33,9% das importações daquele país, representaram 16,2% de toda a oferta exportada no mundo em 2024. Trata-se, portanto, de uma relação de exposição mútua, em que tanto o Rio Grande do Sul quanto os Estados Unidos dependem fortemente um do outro nesse mercado específico. Em 2024, o RS exportou o equivalente a US\$ 160,3 milhões dessa categoria, dos quais US\$ 134,7 milhões se referem às vendas gaúchas para os EUA.

Especificamente com relação ao agronegócio, os setores que se destacaram nessa primeira análise foram os produtos florestais, os couros e peles e os fumos e seus produtos. Particularmente nos couros e peles, destacados em vermelho, os dados indicam que o RS tem uma participação significativa nas importações norte-americanas, superior a 50% em alguns casos. Considerando que o Rio Grande do Sul é um fornecedor importante para os Estados Unidos e dado o tamanho das bolhas, também é possível inferir que o estado seja um fornecedor relativamente relevante de couros e peles no mercado internacional.

No setor fumo e seus produtos, destacado em azul escuro, o caso é semelhante. Esse segmento, que pode ser considerado integrante do quadrante superior esquerdo (baixo X, alto Y), indica produtos em que o RS é um fornecedor expressivo para os EUA, embora o país não seja um destino dominante no comércio mundial. Dessa forma, o RS é um fornecedor relevante de fumo e seus produtos aos norte-americanos, mas eles não são necessariamente seus maiores compradores no mercado internacional, indicando que há oportunidades para o desvio dessas exportações.

Já nos produtos florestais, destacados em amarelo, os dados indicam uma baixa relevância do RS como fornecedor aos norte-americanos, e esses figuram como compradores moderados no mercado internacional. De acordo com a leitura dos quadrantes, esses produtos, localizados no quadrante inferior esquerdo, podem ser considerados de baixa exposição tanto do lado do RS quanto do lado da demanda americana.

De forma geral, os resultados indicam que, embora existam fluxos relevantes entre o Rio Grande do Sul e os Estados Unidos em alguns setores, como couros, fumo e produtos florestais, não se observam exposições críticas capazes de gerar impactos sistêmicos imediatos sobre o agronegócio gaúcho. As relações identificadas sugerem dependência mútua em nichos específicos mais do que vulnerabilidade generalizada. Ainda assim, dadas a natureza dinâmica das políticas tarifárias e a ausência de bases consolidadas, os resultados devem ser interpretados como indicativos e condicionais e servem de ponto de partida para análises futuras mais detalhadas.

Os resultados do 3.º trimestre das exportações nacionais do agronegócio confirmam parcialmente a hipótese de não haver uma vulnerabilidade generalizada do agronegócio gaúcho às tarifas norte-americanas. Dos cinco maiores exportadores do agronegócio nacional no 3.º trimestre de 2025 (SP, MG, ES, PR e RS), todos registraram retração (SP: -12%; MG: -16,7%; ES: -7,4%; PR: -37% e RS: -28,6%) nas exportações para os EUA comparativamente com o mesmo período do ano anterior. Na

³ Neste exercício, adotou-se, de forma conservadora, o valor de 10% como limiar para definir a relevância do mercado norte-americano. Assim, sempre que a participação das importações dos EUA nas exportações mundiais de determinado produto for inferior a 10%, considera-se que os Estados Unidos não figuram entre os seus principais compradores globais.



análise mês a mês, três estados (SP: 10,8%; MG: 7,7% e RS: 40,3%) apresentaram crescimento em julho, indicando um possível movimento de antecipação de compras para a formação de estoques com valores ainda sem a incidência da sobretaxa de 40%. Porém, para os meses de agosto e setembro, o movimento geral foi de queda, apontando uma acentuação dos efeitos das tarifas nas exportações. O Espírito Santo foi o único a fugir da regra geral, por apresentar um crescimento em agosto. No caso de São Paulo, a contração no trimestre deveu-se ao açúcar e à carne bovina; no de Minas Gerais, à carne bovina e ao açúcar; no do Espírito Santo, ao café, às especiarias e aos produtos florestais; no do Paraná, aos produtos florestais e ao açúcar; e, no do Rio Grande do Sul, ao setor do fumo e seus produtos e aos produtos florestais. Nas análises nacional, setorial e por destino, observa-se que a queda das vendas do açúcar e dos produtos florestais também ocorreu para os demais destinos relevantes, indicando outros fatores conjunturais que colaboraram para a *performance* negativa. Com relação à carne bovina, embora os EUA tenham diminuído significativamente as compras do Brasil, o Rio Grande do Sul contrariou o movimento geral, apresentando o terceiro maior crescimento entre os estados. Já no que diz respeito à categoria fumo e seus produtos, na qual o RS domina as exportações nacionais (90,3%), o movimento, no trimestre, foi de crescimento, apesar de os EUA apresentarem a segunda maior queda entre os destinos.

Em resumo, os dados confirmam parcialmente a hipótese inicial, reforçando a ausência de vulnerabilidade sistêmica, mas revelam impactos setoriais e sinais conjunturais que exigem monitoramento. Caso houvesse uma vulnerabilidade sistêmica, seria esperado um padrão homogêneo de retração acentuada em todos os estados e em todos os setores. Esse cenário não se verificou, dado que os movimentos observados foram localizados e heterogêneos. Ademais, alguns setores, como couros e peles e fumo e seus derivados, embora tenham registrado queda nas exportações para os EUA, lograram crescimento para outros destinos, compensando a retração. Esse comportamento reforça a análise gráfica inicial, que indicava o RS como um fornecedor relevante para os Estados Unidos, mas não dependente desse no mercado internacional.

2 Emprego formal no agronegócio⁴

2.1 Emprego formal no terceiro trimestre de 2025

No terceiro trimestre de 2025, foi registrado saldo negativo de empregos formais no agronegócio do Rio Grande do Sul. O número de admissões (53.744) foi inferior ao de desligamentos (58.567), resultando na perda de 4.823 postos de trabalho com carteira assinada. No terceiro trimestre do ano anterior, o saldo também foi negativo, quando a redução foi de 3.860 empregos formais (Gráfico 7).

A perda de empregos com carteira assinada, no terceiro trimestre, reflete a sazonalidade da produção agrícola gaúcha e seus desdobramentos para as atividades agroindustriais, sobretudo na indústria do fumo. Tradicionalmente, o segundo e o terceiro trimestres são marcados pela desmobilização parcial

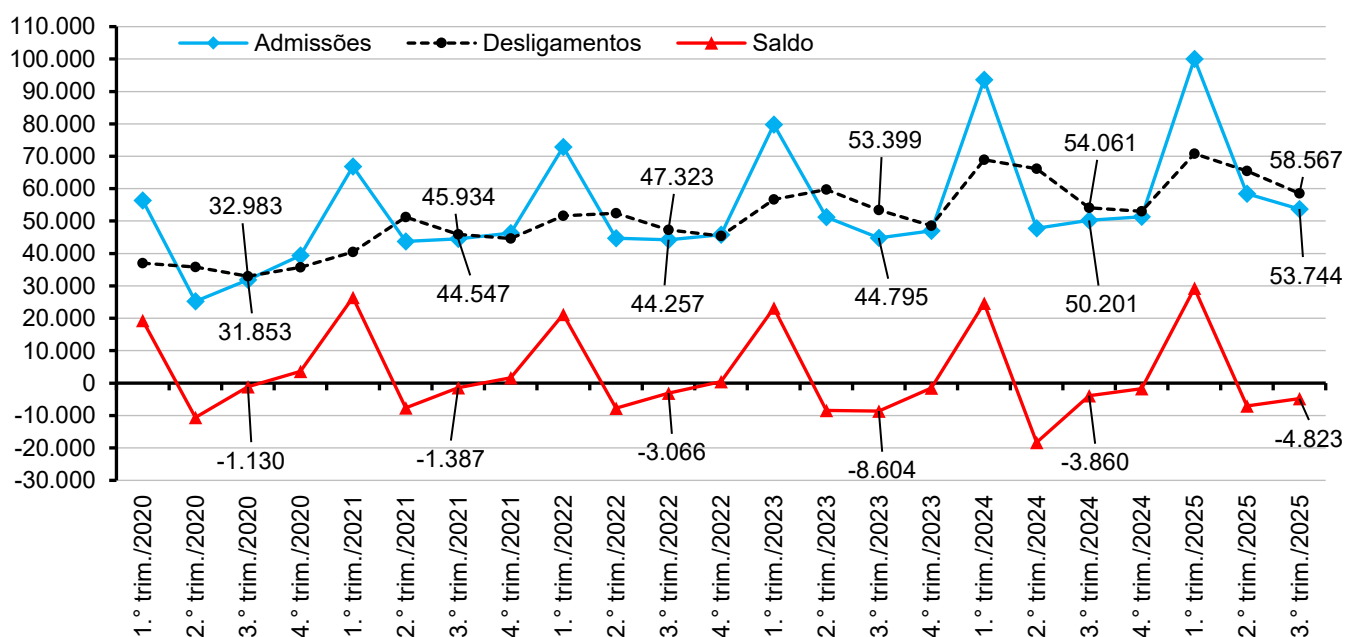
⁴ Para a análise das informações do emprego formal, cabe ressaltar que, a partir de janeiro de 2020, a captação de dados do Caged passou a ocorrer por meio do Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial), dando origem ao que se convencionou chamar de “estatísticas do Novo Caged”. As diferenças metodológicas entre as estatísticas do Novo Caged e as do eSocial podem afetar a comparabilidade das séries históricas. Ademais, essas estatísticas estão sujeitas a ajustes significativos ao longo do tempo, em razão, principalmente, de as empresas reportarem parte das admissões e dos desligamentos de trabalhadores fora do prazo. Para mais informações sobre as diferenças metodológicas entre as estatísticas do Caged e as do Novo Caged, ver Brasil (2025b).



da mão de obra admitida por tempo determinado nos primeiros meses do ano para fazer frente aos serviços de colheita, recebimento, processamento e comercialização da safra de verão. O saldo negativo, atribuído principalmente ao setor de fabricação de produtos do fumo, foi atenuado pelo desempenho positivo das atividades de abate e fabricação de produtos de carne e do setor de lavouras temporárias.

Gráfico 7

Evolução do emprego formal celetista (admissões, desligamentos e saldo) do agronegócio do Rio Grande do Sul — 1.º trim./2020-3.º trim./2025

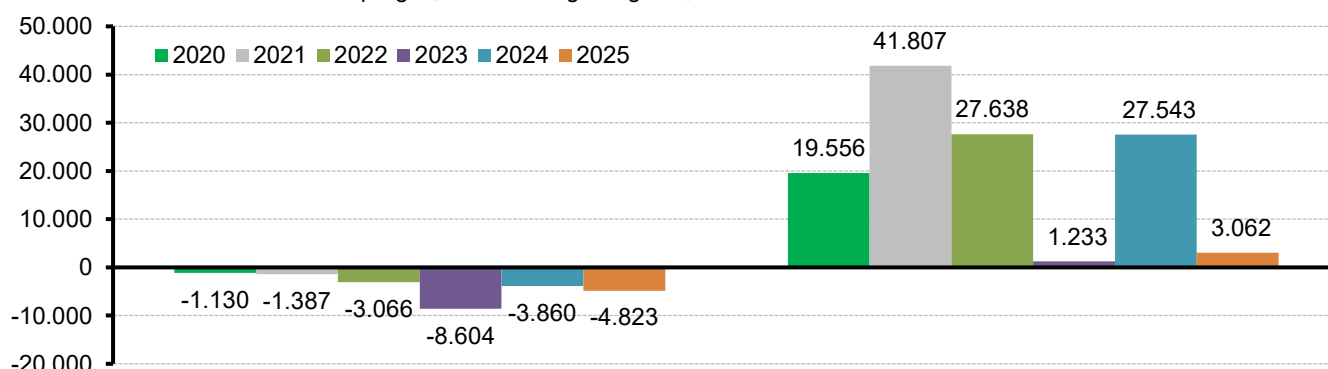


Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e do Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2025b).

Para o conjunto da economia gaúcha, em oposição a apenas o agronegócio, houve geração de empregos no terceiro trimestre, tendo sido criados 3.062 postos com carteira assinada de julho até setembro. Esse resultado é significativamente inferior à média dos últimos anos.

Gráfico 8

Saldo de empregos, total e do agronegócio, do Rio Grande do Sul — 3.º trim. 2020-25



Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e do Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2025b).



No terceiro trimestre, somente o segmento **depois da porteira** — composto predominantemente por atividades agroindustriais — apresentou saldo negativo (menos 5.744 postos). O principal setor responsável por esse resultado foi o de fabricação de produtos do fumo (menos 6.775 postos), em razão do ciclo sazonal da cadeia de produção. No sentido oposto, as atividades de abate e fabricação de produtos de carne, maiores empregadores do agronegócio gaúcho, registraram o maior saldo positivo (623 postos) de empregos com carteira assinada do segmento depois da porteira.

O segmento **antes da porteira** — constituído por setores dedicados ao fornecimento de insumos e de máquinas e equipamentos para a agropecuária — registrou saldo positivo (240 postos). Nesse segmento, o principal responsável pelo resultado foi o setor de produção de sementes e mudas certificadas (405 postos). Já o setor de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários apresentou o menor saldo do segmento, com a perda de 304 postos.

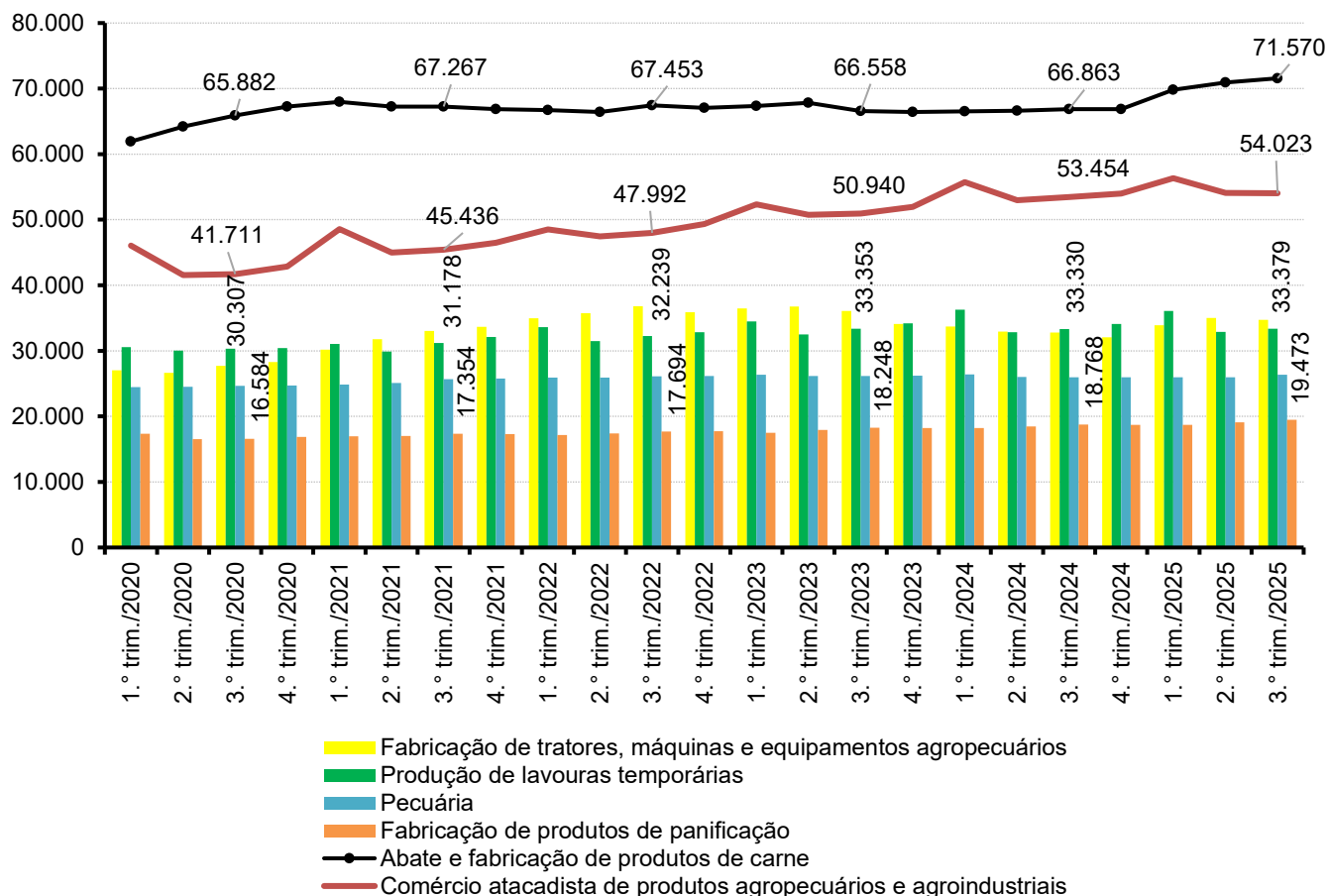
O segmento **dentro da porteira** — constituído pelas atividades agropecuárias — registrou criação de postos de trabalho no agronegócio gaúcho (mais 681 postos). Esse resultado deveu-se ao desempenho positivo dos setores de produção de lavouras temporárias (mais 507 postos) e da pecuária (mais 385 postos), que contrabalançaram o resultado negativo da produção das lavouras permanentes (menos 261 postos), notadamente da cultura da maçã.

No Gráfico 9, é apresentada a dinâmica do estoque de empregos formais dos seis maiores empregadores do agronegócio gaúcho, que, somados, representaram 59,9% do estoque total do setor no estado, em setembro de 2025. Houve crescimento do estoque de empregos para todos os principais setores, mas o de abate e fabricação de produtos de carne e o de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários apresentaram, no terceiro trimestre de 2025, os maiores incrementos absolutos no estoque de empregos comparativamente ao mesmo trimestre do ano anterior.



Gráfico 9

Evolução do estoque de empregos nos principais setores do agronegócio do Rio Grande do Sul —
1.º trim./2020-3.º trim./2025



Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e do Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2025b).

Nota: O estoque é estimado por meio da combinação dos dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

Na Tabela 1, estão detalhadas as informações dos setores com maior criação e maior perda de postos de trabalho no agronegócio gaúcho no terceiro trimestre de 2025. Como já destacado anteriormente, o setor de fabricação de produtos do fumo registrou o menor saldo do trimestre, seguido do setor de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários. No sentido oposto, os setores de abate e fabricação de produtos de carne e de produção de lavouras temporárias apresentaram os maiores saldos do trimestre.

Em relação ao mesmo trimestre de 2024, os setores que mais reduziram seus saldos de empregos foram o de fabricação de produtos do fumo e o de fabricação de produtos intermediários de madeira. Por outro lado, os setores cuja diferença entre os saldos ficou mais positiva foram o de abate e fabricação de produtos de carne e o de produção de sementes e mudas certificadas.



Tabela 1

Setores do agronegócio com maior criação e maior perda de empregos formais celetistas no Rio Grande do Sul —
3.º trim./2024 e 3.º trim./2025

SETORES	SALDO		DIFERENÇA
	3.º Trim./2024	3.º Trim./2025	
Menores saldos			
Fabricação de produtos do fumo	-5.889	-6.775	-886
Fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários	-132	-304	-172
Fabricação de produtos intermediários de madeira	37	-272	-309
Produção de lavouras permanentes	-157	-261	-104
Moagem e fabricação de produtos amiláceos	-239	-164	75
Maiores saldos			
Abate e fabricação de produtos de carne	233	623	390
Produção de lavouras temporárias	508	507	-1
Produção de sementes e mudas certificadas	133	405	272
Fabricação de produtos de panificação	299	387	88
TOTAL DO AGRONEGÓCIO	-3.860	-4.823	-963

Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2025b).

2.2 Emprego formal no acumulado de 2025

Em setembro de 2025, havia 400 mil vínculos ativos de emprego com carteira assinada no agronegócio do Rio Grande do Sul. Apesar da perda de empregos no terceiro trimestre, o saldo continuou positivo no acumulado do ano — o número de admissões (212.217) foi superior ao de desligamentos (194.769), o que resultou na criação de 17.448 postos de trabalho com carteira assinada. É importante destacar que esse foi o segundo maior saldo de empregos para o acumulado até setembro desde o início da atual série de dados, iniciada em 2020.

No conjunto da economia gaúcha, o saldo também é positivo: foram criados 78.452 postos de trabalho até setembro. Portanto, no Rio Grande do Sul, em 2025, 22,2% do total de empregos formais foram gerados em atividades típicas do agronegócio. Essa é a maior contribuição do agronegócio para a geração de empregos formais da série histórica.

Em 2025, no acumulado até setembro, o setor de abate e fabricação de produtos de carne liderou a criação de empregos no agronegócio gaúcho, com um saldo positivo de 4.723 postos. No mesmo mês, esse segmento contabilizava 71.570 vínculos formais, mantendo-se como o maior empregador do agronegócio no estado. Em segundo lugar, destaca-se o setor de fabricação de produtos do fumo, que, apesar da perda de empregos no último trimestre, acumulou um saldo positivo de 3.522 postos no ano. Conforme destacado anteriormente, ambos os setores também se sobressaíram nas exportações do agronegócio gaúcho, tanto no trimestre quanto no acumulado do ano. Os resultados sugerem uma forte correlação entre o dinamismo exportador e a geração de emprego formal nessas cadeias produtivas.

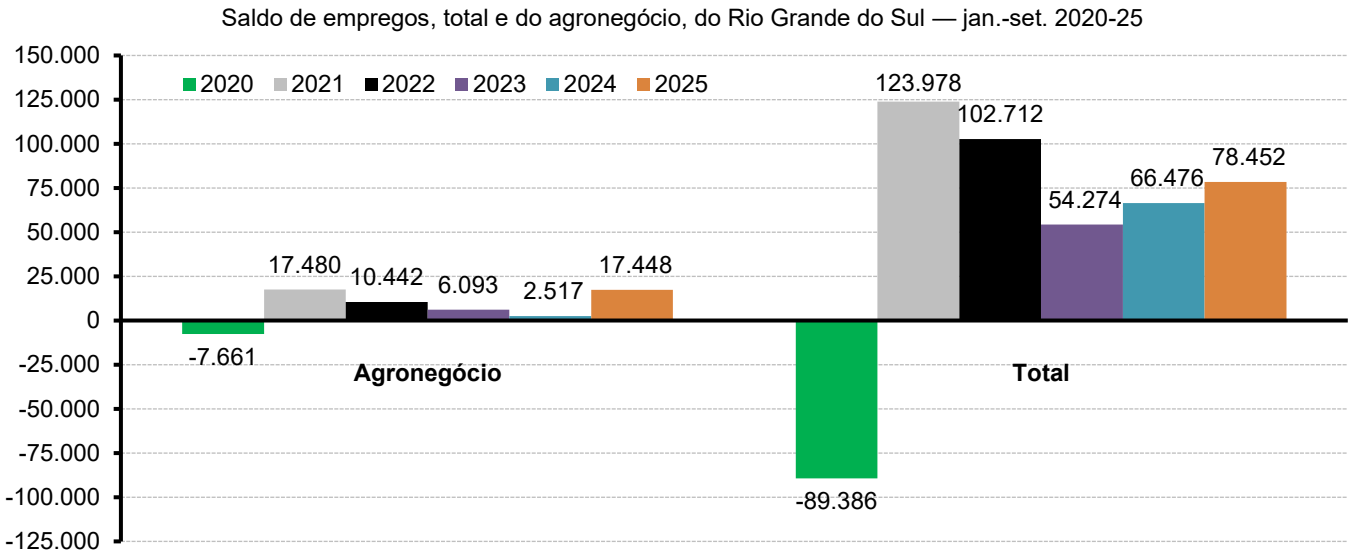
A terceira posição no acumulado até setembro de 2025 foi ocupada pelas atividades relacionadas à fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários, com um saldo positivo de 2.659 postos. No mesmo período de 2024, o setor apresentava um saldo negativo de 1.314 postos. Apesar do saldo negativo no trimestre, o desempenho no ano evidencia uma recuperação consistente, revertendo o ciclo de retração iniciado em 2023.

Por outro lado, os setores com maiores perdas de empregos nos nove primeiros meses do ano foram o de produção de lavouras temporárias (menos 710 postos) e o de produção florestal (menos 119



postos). No caso das lavouras temporárias, a retração pode estar relacionada à estiagem registrada no RS, em 2025, que reduziu o potencial produtivo e, consequentemente, a demanda por mão de obra formal nessa atividade.

Gráfico 10



Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e do Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2025b).

Conforme a Tabela 2, os setores que mais contribuíram para a melhora do saldo de empregos em comparação com 2024 foram o de abate e fabricação de produtos de carne e o de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários. Como referido anteriormente, as contratações do setor de abate e fabricação de produtos de carne estão em linha com o desempenho das exportações do setor das carnes nesse ano, notadamente das carnes suína e bovina. De maneira semelhante, o setor de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários, após um período de retração, vem esboçando recuperação em 2025, tanto nas exportações do estado como nas contratações do emprego formal.

Tabela 2

Setores do agronegócio com maior criação e maior perda de empregos formais celetistas no Rio Grande do Sul — jan.-set./2024 e jan.-set./2025

SETORES	SALDO		DIFERENÇA
	Jan.-Set./2024	Jan.-Set./2025	
Maiores saldos			
Abate e fabricação de produtos de carne	436	4.723	4.287
Fabricação de produtos do fumo	395	3.522	3.127
Fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários	-1.314	2.659	3.973
Produção de lavouras permanentes	1.133	1.857	724
Fabricação de produtos de panificação	557	778	221
Apoio a agropecuária e a produção florestal	-23	553	576
Menores saldos			
Produção de lavouras temporárias	-869	-710	159
Produção florestal	-28	-119	-91
TOTAL DO AGRONEGÓCIO	2.517	17.448	14.931

Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e do Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2025b).

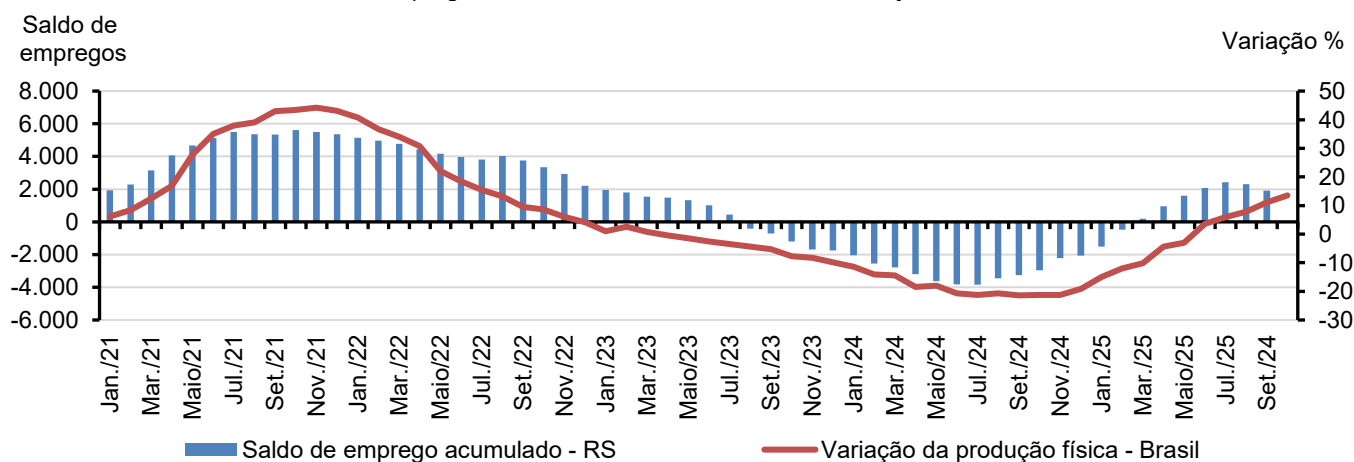


O setor de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários vem registrando sinais consistentes de recuperação em 2025, após seis trimestres consecutivos de retração, iniciados no terceiro trimestre de 2023. Em 2023, o setor perdeu 1.749 vagas, revertendo o forte movimento de contratações observado em 2022, quando o saldo foi positivo em 2.215 empregos. Em 2024, a tendência de redução manteve-se, com a eliminação de 2.068 postos formais. A partir de março de 2025, considerando o saldo acumulado em 12 meses, o indicador voltou a ficar positivo, com a criação de 193 empregos (Gráfico 11). Ao final do terceiro trimestre, o saldo acumulado em 12 meses mostrou avanço expressivo e alcançou 1.905 vagas criadas.

Além disso, os dados nacionais da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE (2025b) para o setor — no qual o RS tem participação destacada — reforçam que o período mais crítico já foi superado. A produção nacional de máquinas e equipamentos agropecuários acumulou crescimento de 13,6% nos 12 meses encerrados em setembro de 2025. Esse resultado contrasta significativamente com o pior momento do ciclo, quando a produção acumulou uma perda de 21,4%, em agosto de 2024. Além da melhora observada no emprego e na produção física, os dados do comércio exterior indicam que o setor, mesmo com retrações no primeiro e no terceiro trimestres de 2025, mantém desempenho positivo no acumulado do ano.

Gráfico 11

Variação da produção física de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários no Brasil e saldo de empregos nesse setor, no Rio Grande do Sul — jan./2021-set./2025



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física — Brasil (IBGE, 2025b).

Fonte: Ministério do Trabalho e do Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2025b).

Nota: 1. Variação percentual da produção física acumulada em 12 meses.

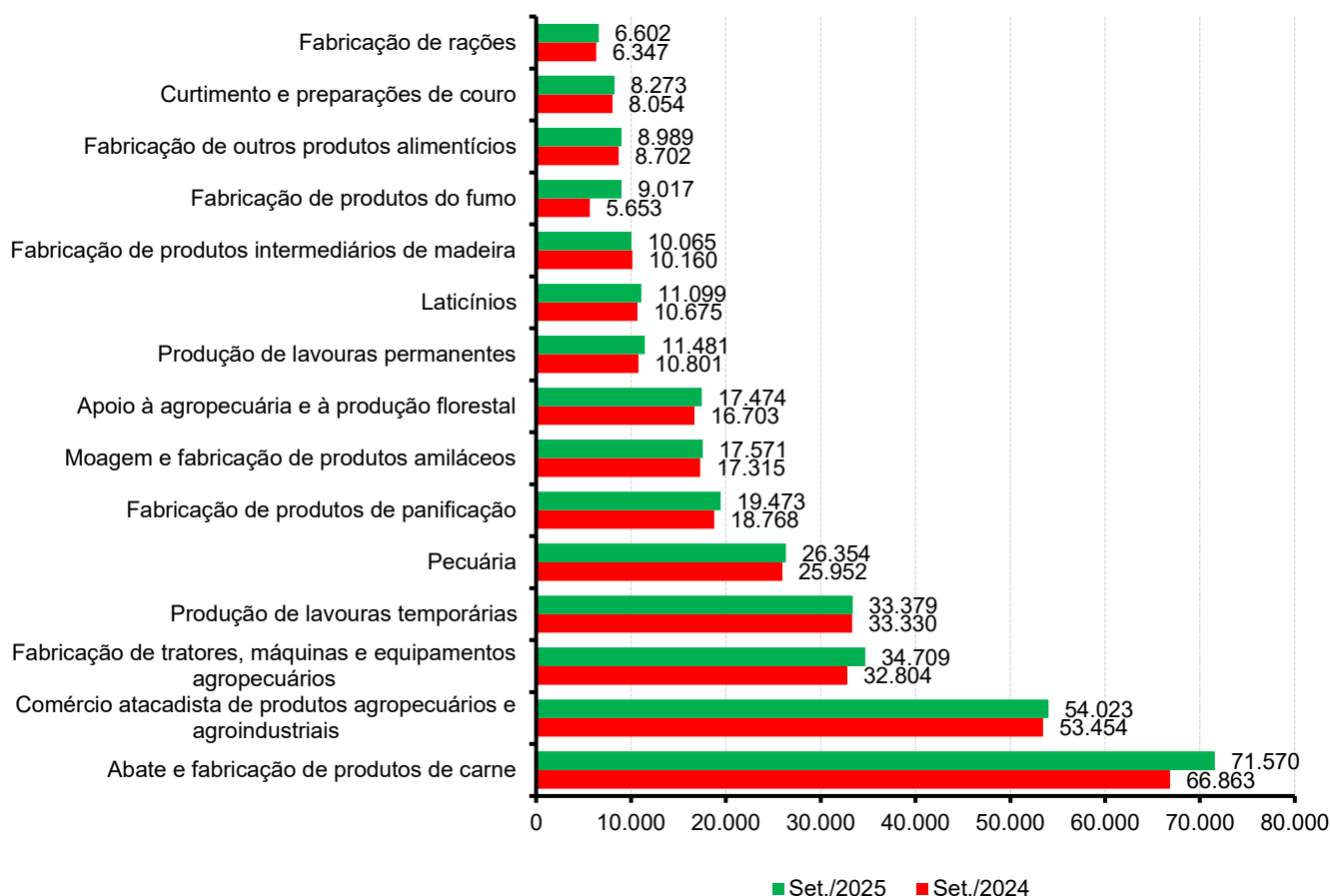
Nota: 2. Saldo de empregos acumulado em 12 meses.

Ao final do terceiro trimestre de 2025, os setores com maior estoque de empregos formais no agronegócio gaúcho eram os de abate e fabricação de produtos de carne, de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais, de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários e de produção de lavouras temporárias. Entre os 15 principais setores empregadores do agronegócio gaúcho, somente o de fabricação de produtos intermediários de madeira registrou saldo negativo de empregos no acumulado dos últimos 12 meses.



Gráfico 12

Estoque de empregos formais celetistas nos principais setores empregadores do agronegócio do Rio Grande do Sul — set./2024 e set./2025



Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e do Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2025b).

Nota: O estoque é estimado por meio da combinação das informações do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

Referências

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. **Comex Stat**. [Brasília, DF]: Ministério da Economia, 2025a. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 9 set. 2025.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho**. [Brasília, DF]: Ministério do Trabalho, 2025b. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/novo-caged?view=default>. Acesso em: 30 set. 2025.

DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. **A concept of agribusiness**. Boston: Harvard University, 1957.



GROSSMAN, G. M.; HELPMAN, E.; REDDING, S. J. When tariffs disrupt global supply chains. **American Economic Review**, v. 114, n. 4, p. 988–1029, 2024.

IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática. **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola**: setembro 2025. [Brasília, DF]: IBGE, 2025a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/lspa/rio-grande-do-sul>. Acesso em: 27 set. 2025.

IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática. **Pesquisa Industrial Mensal — Produção Física**: setembro 2025. [Brasília, DF]: IBGE, 2025b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/8885>. Acesso em: 1 nov. 2025.

LEUSIN JR., S. **Indicadores do agronegócio do RS** — 2.º trimestre de 2025. Porto Alegre: SPGG/DEE, 2025. (Nota Técnica n. 116). Disponível em: <https://admin.dee.rs.gov.br/upload/arquivos/202509/08163705-nt-dee-116-indicadores-do-agronegocio-do-rs-exportacoes-e-emprego-formal-no-2-trimestre-de-2025-8-9-25.pdf>. Acesso em: 1.º nov. 2025.



Apêndice

Tabela A.1

Tabela-resumo das exportações do agronegócio do Rio Grande do Sul — 3.º trim./2025

SETORES E GRUPOS DE PRODUTOS	VALOR (US\$ FOB)	PARTICIPAÇÃO %	VARIAÇÃO	
			US\$ FOB	Valor (%)
Soja	1.904.497.477,00	43,1	-279.661.923,00	-12,8
Soja em grão	1.530.861.848,00	34,6	-202.820.169,00	-11,7
Farelo de soja	306.734.539,00	6,9	-55.297.142,00	-15,3
Óleo de soja	66.901.090,00	1,5	-21.544.612,00	-24,4
Fumo e seus produtos	900.497.611,00	20,4	168.106.003,00	23,0
Fumo não manufaturado	833.083.020,00	18,8	158.501.378,00	23,5
Carnes	683.312.517,00	15,4	99.029.767,00	16,9
Carne bovina	135.605.439,00	3,1	65.898.050,00	94,5
Carne suína	232.003.553,00	5,2	50.277.319,00	27,7
Carne de frango	278.020.963,00	6,3	-17.855.443,00	-6,0
Produtos florestais	255.793.076,00	5,8	-78.776.325,00	-23,5
Celulose	190.101.030,00	4,3	-67.090.081,00	-26,1
Cereais, farinhas e preparações	134.484.416,00	3,0	-69.009.710,00	-33,9
Trigo	0,00	0,0	-1.348.447,00	-100,0
Milho	1.633,00	0,0	1.327,00	433,7
Arroz	122.791.735,00	2,8	-62.703.534,00	-33,8
Máquinas e implementos agrícolas	109.074.353,00	2,5	-21.810.626,00	-16,7
Tratores agrícolas	55.354.308,00	1,3	-28.831.798,00	-34,2
Colheitadeiras	19.059.608,00	0,4	12.334.050,00	183,4
Couros e peleteria	79.652.015,00	1,8	950.968,00	1,2
Couros e peles	71.327.907,00	1,6	-2.169.599,00	-3,0
TOTAL	4.423.156.455	100,0	-145.647.217	-3,2

Fonte dos dados Brutos: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2025a).

Nota: Elaborado pelo Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão (SPGG).



Tabela A.2

Tabela-resumo das exportações do agronegócio do Rio Grande do Sul — jan.-set./2025

SETORES E GRUPOS DE PRODUTOS	VALOR (US\$ FOB)	PARTICIPAÇÃO %	VARIAÇÃO	
			US\$ FOB	Valor (%)
Soja	3.462.814.922,00	31,9	-676.606.018,00	-16,3
Soja em grão	2.362.050.044,00	21,8	-515.904.987,00	-17,9
Farelo de soja	892.125.406,00	8,2	-150.196.147,00	-14,4
Óleo de soja	208.639.472,00	1,9	-10.504.884,00	-4,8
Fumo e seus produtos	2.103.250.953,00	19,4	241.545.951,00	13,0
Fumo não manufaturado	1.915.079.233,00	17,7	195.243.400,00	11,4
Carnes	1.908.515.231,00	17,6	238.224.214,00	14,3
Carne bovina	309.729.490,00	2,9	116.298.570,00	60,1
Carne suína	590.085.307,00	5,4	143.029.510,00	32,0
Carne de frango	902.003.797,00	8,3	-23.578.046,00	-2,5
Produtos florestais	885.222.213,00	8,2	-183.127.129,00	-17,1
Celulose	655.750.705,00	6,0	-129.924.512,00	-16,5
Cereais, farinhas e preparações	886.498.235,00	8,2	3.856.987,00	0,4
Trigo	349.241.282,00	3,2	-73.946.189,00	-17,5
Milho	185.260.129,00	1,7	169.342.465,00	1.063,9
Arroz	316.872.433,00	2,9	-75.334.128,00	-19,2
Máquinas e implementos agrícolas	306.768.404,00	2,	12.579.448,00	4,3
Tratores agrícolas	153.811.485,00	1,4	2.186.713,00	1,4
Colheitadeiras	51.989.422,00	0,5	-472.528,00	-0,9
Couros e peleteria	262.783.200,00	2,4	-703.326,00	-0,3
Couros e peles	240.113.494,00	2,2	-5.833.500,00	-2,4
TOTAL	10.848.829.720	100,0	-236.335.090	-2,1

Fonte dos dados Brutos: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2025a).

Nota: Elaborado pelo Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão (SPGG).

